

# PONTOS E PRÁTICAS: MANIFESTOS. NOSTALGIAS FUTURAS<sup>1</sup>

*Richard Schechner<sup>2</sup>*

*Tradução de Beatriz Angela Viera Cabral (Biange Cabral)<sup>3</sup>*

## *Resumo*

Os manifestos foram escritos tradicionalmente com a intenção de dar forma às ideias a ações políticas. Sua origem remonta ao Manifesto Comunista (1848) de Marx e Engles, um tratado e um chamado às armas. Meio século após, os direitos ‘universais’ das revoluções americana e francesa retomaram, embora de forma destorcida, alguns de seus princípios. Estes três foram os modelos para a maior parte dos manifestos escritos por artistas. O grande gesto dos manifestos, e seu sentido de utopia e justiça universal, tem sido realocado, na contemporaneidade, para ações mais locais e pontuais de inclusão artístico-cultural. A morte dos manifestos é ‘o fim da esperança como um gênero’, e hoje é substituído por intervenções performativas que ultrapassam o momento de suas declarações.

**Palavras-chave:** Manifestos como speech acts, ideias e ação política, intervenções performativas.

## *Abstract*

Traditionally, manifestos are writing intended to shape political ideas and to provoke actions. Their origin goes back to The Communist Manifesto (1848) of Marx and Engles, a treatise as well as a call to arms. In less than a half century, the ‘universal’ rights of the American and French Revolutions – however distorted in practice – worked on some of its principles. The three of them were the model for most of the manifestos written by artists. The grand gesture of manifestos, and their sense of utopia and universal rights, has been relocated, in contemporaneity, to more local and punctual actions of artistic and cultural inclusion. The death of manifestos ‘is the end of hope as a genre’, and nowadays is replaced by performative interventions that works beyond the moment of declaration.

**Keywords:** Manifestos as speech acts, ideas and political action, performative interventions.

Os manifestos são otimistas e agressivos; edificantes e raivosos. Eles ressoam com verdade, como o sino de igreja; ou com alarme, perigo e catástrofe como sirenes estridentes de carros de bombeiro, de polícia e ambulâncias. Pessoas ou se atraem pelos manifestos, ou os repelem: raramente são neutras. Manifestos não são sutis; lhes falta nuance e usualmente não usam ironia ou paródia. Eles são muito religiosos, no sentido de que seus autores acreditam que estão entregando a Palavra do Alto (eles próprios, suas causas, Deus, história, o futuro ...). E, hoje, nas décadas de abertura do século XXI, manifestos soam e são lidos... como nostalgia, mas de uma espécie muito especial. Mais no último caso.

Tradicionalmente, manifestos são escritos com a intenção de provocar ações. São performativos em negrito. Por exemplo, a Declaração de Independência Americana (1776), um documento que inventou o “Nós” sobre o qual foram instalados os poderes de um Estado emergente: ‘Nós(...)’, os Congressistas dos Estados Unidos da América, reunidos em Assembléia Geral’. Quem seriam estes presumíveis ‘We’? Uma comunidade imaginária não de nobres or (posteriormente) de trabalhadores, mas de ‘todos’. Este ‘we’ logo após se tornaram ‘les citoyens’ (os cidadãos) da Revolução Francesa cujo brilhante manifesto foi a *Déclaration des droits de l’Homme et Du citoyen* (1789, Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão). Este cidadão era mais da cidade do que da zona rural, mais um proletário do que um camponês ou

servo. A Declaração Americana se dirigiu ao fazendeiro livre, enquanto a Declaração Francesa falou para a turba urbana.

Ambos foram considerados como homens livres (não ainda as mulheres; e não ainda os não-brancos). Homens livres e cidadãos pertenciam ao início da existência de uma construção utópica. Os manifestos estavam em parte criando o que eles pleiteavam. Mas logo em seguida a Revolução Francesa, mediada pela Assembleia Nacional Constituinte. Sustentou o Terror. A Revolução Americana levou mais tempo antes da emergência da Superpotência.

Os cidadãos e os fazendeiros foram transformados em trabalhadores e camponeses destinatários de Marx e Engles em O Manifesto Comunista (1848). Este manifesto – mais longo do que qualquer outro que eu conheça, foi um tratado tanto quanto uma chamada às armas. Diferentemente dos manifestos americano e francês, Marx e Engles falaram apenas e para algumas pessoas, as ‘classes oprimidas’, instando-as a derrubar as classes dominantes. Em menos de meio século, os direitos universais das Revoluções Americana e Francesa – embora distorcidos na prática – estavam previstos fundamentalmente e diferentemente através de um mundo já sacudido e estremecido pela guerra de classes descrita no manifesto comunista.

Há muitos manifestos de autoria de artistas. Geralmente são retóricos, não para serem levados a sério. Exploda isto, derrube aquilo, destrua os museus, libere todas as obras de arte... nada disso realmente acontece. Ou se o fazem, as ações acontecem não porque um Artaud faz uma chamada para um teatro da crueldade, mas, infelizmente, porque Hitler ordena a queima de livros. Há uma longa lista de manifestos por artistas desde pelo menos a época dos Futuristas em diante; tantos que eles estão reunidos em um gênero – mas que tipo de gênero? Documentos raivosos evidenciam o sentido de exclusão de seus autores e frequentemente invejam as sociedades que querem destruir. A prova

1 Artigo publicado na sessão “points and practice”, com o subtítulo “Manifestos”. *Revista Research in Drama Education – The Journal of Applied Theatre and Performance*. Vol. 15 No 3. New York and London: Routledge, 2010.

2 Richard Schechner é Professor de Performance Studies na Tisch School of Arts, New York University, e Editor do TDR: *The Journal of Performance Studies*. Ele é autor de muitos livros, entre eles *Between Theater and Anthropology* (1985), *Performance Theory* (1988), *The Future of Ritual* (1993), *Performance Studies: An Introduction* (edição revista, 2006).

3 Professora do Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC.

disto é o fato de que algum tempo mais tarde na vida, os escritores do destemido manifesto se unem às fileiras das próprias bobagens que haviam execrado em sua juventude.

Leiam o que alguns dos grandes artistas e teóricos proclamaram nos últimos 100 anos:

### **1909, o Manifesto Futurista de F.T. Marinetti:**

Nós queremos exaltar movimentos agressivos, a insônia febril, a velocidade e o salto mortal, a bofetada e o murro (...) Já não há beleza senão na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra prima. A poesia deve ser celebrada como um violento assalto contra as forças ignóbeis para obrigá-las a prostrar-se ante o homem (...) Queremos destruir os museus, as bibliotecas,, as academias de todo o tipo, e combater o moralismo, o feminismo, e toda vileza oportunista e utilitária. Bem-vindos os bons incendiários com os seus dedos carbonizados! Ei-los! ... Aqui! ... Ponham fogo nas estantes das bibliotecas! ... Desviem o curso dos canais para inundar os museus! ... Deixem as gloriosas telas flutuar á deriva! Empunhem as picaretas, os machados, os martelos e destruam sem piedade as cidades veneradas! (...) A arte, de fato, não pode ser senão violência, crueldade e injustiça.

### **1918, O Manifesto DADA de Tristan Tzara:**

Eu lhes garanto: não há começo, e nós não estamos com medo; nós não somos sentimentais. Nós somos como um vento irado que arranca as roupas de multidões e orações, nós estamos preparando o grande espetáculo do desastre, conflagração e decomposição. Preparando para por um fim no luto, e para substituir lágrimas por sirenes espalhando-se de um continente ao outro (...) Eu destruo as gavetas do cérebro,

e aquelas da organização social: para semear desmoralização em todo lugar, e atirar a mão do céu no inferno, os olhos do inferno no céu, para reinstalar a roda fértil de um circo universal nos Poderes da realidade, e a fantasia de cada indivíduo.

### **1933, Antonin Artaud, em *Teatro e Crueldade*:**

O teatro da Crueldade propõe dar espaço a um espetáculo de massa; buscar na agitação de tremendas massas, convulsionadas e arremessadas entre si, um pouco daquela poesia de festivais e multidões quando, todas tão raras hoje em dia, o povo espalhava-se nas ruas. O teatro deve nos dar tudo que está no crime, amor, guerra, ou loucura, se ele quer recuperar sua necessidade (...). Da mesma maneira que nossos sonhos tem um efeito sobre nós e a realidade tem um efeito sobre nossos sonhos, também nós acreditamos que as imagens do pensamento podem ser identificadas com um sonho, o qual será eficaz na medida em que poderá ser projetado com a necessária violência. (...) Daí este apelo para a crueldade e o terror (...) em uma vasta escala.

### **1938, do Manifesto de Leon Trotsky e Andre Breton: Para uma Arte Livre e Revolucionária**

A verdadeira arte não se contenta em representar variações sobre modelos prontos, mas sim insiste na expressão de necessidades internas do homem e da humanidade de seu tempo - a verdadeira arte é incapaz de não ser revolucionária, de não aspirar a uma completa e radical reconstrução da sociedade. (...) Nós acreditamos que a tarefa suprema da arte na nossa época é tomar parte ativa e consciente na preparação da revolução.

## 1948, da Recusa Global dos Artistas de Quebec

A religião de Cristo dominou a mundo. Vejam no que se transformou: fés irmãs já começaram a explorar o outro. (...) a civilização cristã está chegando ao fim. (...) O declínio da Cristandade vai botar abaixo toas as pessoas e todas as classes que ela influenciou, da primeira à última, da mais alta à mais baixa. (...) Os ratos já estão fugindo de uma Europa que afunda, cruzando o Atlântico. Entretanto, eventos irão eventualmente ultrapassar os gananciosos, os glutões, os sibaritas, os imperturbáveis, os cegos e os surdos. Eles irão ser engulidos sem dó. (...) Nós precisamos abandonar os caminhos da sociedade de uma vez por todas e nos libertarmos de seu espírito utilitarista. Não devemos negligenciar voluntariamente nosso lado espiritual. (...) Nós assumimos inteira responsabilidade pelas consequências de nossa recusa.

## 1960, do Manifesto Situacionista

O quadro existente não poderá dominar a nova força humana que está aumentando junto com o desenvolvimento irresistível da tecnologia e a insatisfação de seus possíveis usos em nossa vida social sem sentido. (...) A alienação e a opressão nesta sociedade não podem de distribuídas entre uma série de variantes, mas somente rejeitadas *em bloc* por esta mesma sociedade. Todo progresso real foi claramente suspenso até a solução revolucionária da presente crise multiforme.

## 1968, de Julian Beck, do Living Theatre

Se nós vamos derrubar a estrutura, nós vamos ter que atacá-la por todos os lados, todos os 10 mil. (...) Como evitar o banho de sangue quando as forças da reação chegam com suas armas, sua

polícia? A bonita revolução não violenta? Como? (...) Quando a revolução chega alguns liberais vão cair de uma maneira, alguns de outras. Desenho a linha do tempo. O show acaba. Fazer teatro para eles tem sua utilidade mas não irá fazer a revolução sem a qual toda a arte, e mágica e filosofia e religião e todas as ciências e todos os avanços tecnológicos teriam sido nada mais do que espasmos de impulsos finais de um extinto monstruoso planeta.

## 2006, do Manifesto Art Guerrilla

Art Guerrilla é um projeto de arte aberto a todos os artistas ao redor do mundo que estão prontos para uma guerra de guerrilha de forma multidimensional. Esta guerra adquiriu um único objetivo: *recriar a alma das artes*. Nós sabemos que este objetivo é indefinido; entretanto, se nós vivemos em uma época indefinida, se nossos inimigos usam armas indefinidas contra nós, é também nosso direito nos movermos em mares indefinidos e incertos. (...) Você é um membro cínico da academia? As pessoas criticam seus trabalhos de uma maneira estranha? Você vive na periferia do mundo (Ásia, Balcans, Leste Europeu, África, América do Sul); ou você vive nas periferias do centro (seja onde for)? Você é economicamente pobre, e, rico em imaginação? Você pensa ou imagina um tipo de liberação para a sociedade contemporânea? Você teve alguns problemas com as autoridades? (...) VIDA LONGA AO MOVIMENTO ART GUERRILLA! VIDA LONGA AOS ARTISTAS-GUERREIROS DO MOVIMENTO! NÓS VENCEREMOS!

Juntos, estes manifestos, e outros similares, emitidos por artistas-chave e influentes teóricos, reiterados por mais de um século, clamam pela destruição da ordem corrente e criação de uma nova ordem. Se eu fosse uma mente psicanalítica, eu poderia concluir que enrustido no coração de muito manifestos artísticos

está o desejo da morte. Politicamente, os manifestos são fantasias flácidas de artistas impotentes? Ou eles definem o tom que leva da arte de vanguarda aos entretenimentos populares e ataques terroristas? Ou, ao contrário, alguns artistas admiram os atos assassinos-suicidas dos terroristas, a chama da raiva pura? Reconhecido que Artaud estipulou que 'a imagem de um crime apresentado como requisito de condição teatral é algo infinitamente mais terrível para o espírito do que o mesmo crime cometido na realidade'; e reconhecido também que a maioria dos artistas que escrevem manifestos não cometem a violência que eles advogam, nós precisamos reconhecer que as fronteiras entre o 'real' e o 'virtual' estão se dissolvendo, o teatral e o real se fundem: o performativo está a ser atualizado. Eu argumentei em outro lugar que o ataque de 11/09 no *World Trade Center* de *New York* foi uma performance, uma atualização Artaudiana de um espetáculo de crueldade. Em sua própria forma horripilante, 11/09 - e outros ataques terroristas - são manifestos-em-ação: eles transmitem mensagens dinamicamente; eles assimilam intenção-e-ação.

A chamada arte *elevada* e a *pop art* se misturaram assim como as 'notícias' se fundiram como entretenimento. Adicionalmente, pelo menos desde que Chris Burden pediu a um amigo que atirasse em seu braço (SHOOT, 1971), muitos artistas performáticos tem ferido a si próprios, aberto suas veias-como-arte, suspenso a si próprios em ganchos, esquartejado animais, e através de várias maneiras usaram violência real em artes. Rituais - relação próxima das artes - incluem flagelação, cicatrizes, circuncisão, subincisão, e assim por diante. A cultura popular mostra seus *tattoes*, *piercings*, e cirurgias plásticas as quais, sejam quais forem seus significados psicológicos e sociológicos, decretam o desejo de ser belo e, paradoxalmente, ambos individualmente distinguem e sinalizam um pertencimento a uma comunidade. Estetizando e ritualizando a violência, não como representação (como nas artes visuais, teatro ou outra mídia), mas como

verdades reais apresentadas no aqui e agora são tudo menos universais.

Tudo isto sinaliza que escrever manifestos é supérfluo porque as ações, imediatamente mediatizadas, são sua própria mensagem. O *dictum* de Marshall McLuhan, "o meio é a mensagem", atingiu o topo. A mensagem é o ato; o manifesto não é escrito, é performado. O gênero de *escrever* manifestos está fora de moda. E onde há escrita na tradição do manifesto, ela se revela como *blogs*, *twitters*, e semelhantes expressões digitais de atividades distribuídas globalmente na rapidez e no pressionar de uma tecla de computador. Sim, este tipo de *broadside* digital é som e fúria, significando nada se não for, então, pelo menos a facilidade do *e-scream* e *e-screed*.

Acompanhando a morte do manifesto, está o fim da esperança como gênero. Nas assim chamadas democracias um crescente número de pessoas está se voltando para o governo não simplesmente por falhar no cumprimento de suas promessas, mas como um sistema. Um declínio do percentual de pessoas vota; eleições são compradas e vendidas; o governo é ineficiente, venal, corrupto, aborrecido - ainda necessários, como roupa íntima. Deixando de lado as democracias, onde os déspotas subjugam, a confiança no governo é (exceto entre a elite no poder) está abaixo da negação: o governo é temido, evitado, uma criatura da polícia/ou das forças armadas.

Toda esta negatividade levou ao crescimento de uma chamada geral para a revolução? Realmente não. Em vez disso levou a um neo-liberalismo ascendente, um conjunto complexo de relacionamentos onde pessoas dependem cada vez mais de corporações, grupos identitários, e outros 'guildas' (sob uma denominação ou outra) para prover comunidade, serviços e um sentimento de pertencimento. Embora existam nação-estados ainda investidos de grande poder militar, suas bases econômica e sociais estão erodindo. O 'poder real' está desviando para outro lugar, com os lobistas e corporações que compram e vendem governos, as juntas e Comitês

Centrais que falam por e através do Estado, que literalmente possuem o Estado. Um governo, no mundo, democrático ou representativo (ainda) não emergiu. Em artes, a *avant garde* foi deslocada pela *niche-guard*: cada subconjunto de estilo associado com seus próprios desejos, nenhum realmente um avanço a partir de outros.

Quem pode escrever um manifesto eficaz hoje? Não é tal empreendimento a saudade daquilo que uma vez foi uma nostalgia futura? A época de Thomas Jefferson, os Direitos do Homem, e Karl Marx passaram. Os manifestos eficazes de hoje não são *screeds*, mas ações. Alguns destes são positivos (da minha perspectiva) - o trabalho de teatros de ação social, o trabalho em prisões, as performances entre, com e para os despossuídos. Na realidade, nestas arenas as ações - ações teatrais incluídas - falam mais alto e mais afirmativamente do que manifestos.

Mas podem, devem, novos manifestos ser escritos? Para quem, sobre o quê? O ímpeto subjacente por trás dos manifestos - por trás da época dos manifestos desde a Declaração pelo Manifesto Comunista até os *screeds* dos artistas que eu citei - é que um novo mundo está disponível somente se as injustiças do velho puderem ser suplantadas. Talvez hoje isto esteja acontecendo, passo a passo. Mas, se for assim, não pelo meio da revolução, mas através de intrépidos pequenos passos. Os manifestos clássicos clamam por saltos, não passos. Eles são de autoria de pessoas que possuem uma clara visão do panorama geral - utópico ou apocalíptico. Eu não tenho tal visão. Você tem? Eu acredito que nós estamos num *interregnum*. O que era, não é mais; o que será, ainda não chegou.